

Diagnóstico e Estado de Desenvolvimento do **Turismo Arqueológico** no Estado de São Paulo – Brasil

FABIANA MANZATO * [fabmanzato@yahoo.com.br]

Resumo | Este artigo apresenta os resultados finais de uma pesquisa exploratório-descritiva realizada em nível de mestrado. Dessa forma, apresenta-se de seguida a composição do atrativo arqueoturístico pré-histórico e histórico, a formatação do Turismo Arqueológico e sua relevância enquanto atividade turística. Finalmente, discorre-se sobre os dados obtidos por meio do diagnóstico e do estado do desenvolvimento do Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo no Estado de São Paulo e, apresentam-se propostas para impulsionar o crescimento e o desenvolvimento dessa atividade em âmbito local, regional e nacional.

Palavras-chave | Turismo Arqueológico, Arqueoturismo, Turismo Cultural, Sítios Arqueológicos, Patrimônio Arqueológico.

Abstract | This article presents the final results of an exploratory descriptive research carry out in master's level degree. Thus, it presents the composition of archeological attractive pre-historical and historical, the formatting of the Archaeological Tourism or Archaeotourism and its relevance while tourist activity. Afterwards, the data are presented by means the diagnosis and the development's stadium of the Archeological Tourism or Archaeotourism in São Paulo State. Finally, it proposes to impel the growth and development approaches view of activities in local, regional and national scope.

Keywords | Archeological Tourism, Archaeotourism, Cultural Tourism, Archaeological Sites, Archaeological Patrimony.

* **Doutoranda em Arqueologia** na Universidade de São Paulo, **Mestre em Turismo** pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e **Professora** da Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana (FECEA), Brasil.

1. Introdução

“O Turismo tem-se transformado em um fenômeno de notável importância nas sociedades modernas” e “ainda em épocas de crises e recessão econômica tem mantido uma dinâmica relevante em comparação com outros setores da economia” (Molina e Rodriguez, 1999). Mas o Turismo envolve não apenas o setor econômico de uma sociedade, ele atua também em outras esferas como a ecológica, a cultural e a social, estimulando e promovendo a interação entre ambas.

Com ênfase no âmbito cultural, o Turismo “tornou-se o primeiro instrumento da compreensão entre povos” que tem sido “tradicionalmente empregado para revalorizar culturas e lograr que as mesmas sejam conhecidas pela humanidade”, além de, possibilitar ao visitante, uma experiência autêntica que o favorece a transcender o papel de mero expectador frente ao atrativo turístico (Krippendorf, 2001; Acerenza, 2000).

É neste contexto que o Turismo Cultural, em especial, o segmento turístico denominado de Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo, destaca-se. Ele aparece como um produto turístico complementar ao Turismo de Sol e Praia com uma proposta motivada pela troca de experiências e compreensão da cultura do outro, revelando-se como uma situação singular contrária à criação de uma cultura massificada.

Nesse sentido, este artigo apresenta dados finais de uma pesquisa em nível de mestrado, realizado desde Janeiro de 2004, junto ao programa de Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul (UCS), no Rio Grande do Sul.

Para tanto, discorre-se sobre a composição do atrativo arqueoturístico pré-histórico e histórico, localizado em ambiente terrestre ou subaquático. Em seguida, aborda-se a formatação do Turismo Arqueológico e sua relevância enquanto atividade turística. E, finalmente, apresenta os resultados da pesquisa cujo objetivo foi diagnosticar e estabelecer o

estado do desenvolvimento do Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo no Estado de São Paulo, além de apresentar algumas propostas capazes de impulsionar o crescimento e o desenvolvimento dessa atividade.

2. Composição dos atrativos arqueoturísticos

Os atrativos arqueoturísticos são compostos pelos vestígios arqueológicos remanescentes em sítios arqueológicos pré-históricos e/ou históricos, ou seja, “são todos os indícios da presença ou atividade humana” (Prous, 1992), e não são apenas “cor, textura, matéria-prima, forma e função, é tudo isto, e mais história, contexto cultural, emoção, experiência sensorial e comunicação corporal” (Nogueira, 2003).

De forma mais detalhada, as normas e gerenciamento do patrimônio arqueológico (Bastos e Teixeira, 2005) destacam, segundo a lei federal n.º 3924/61 que sítios pré-históricos são:

“– as jazidas de qualquer natureza, origem ou finalidade, que representem testemunhos da cultura dos paleoameríndios do Brasil, tais como sambaquis, montes artificiais ou tesos, poços sepulcrais, jazigos, aterrados, estearias e quaisquer outras não especificadas aqui, mas de significado idêntico, a juízo da autoridade competente; – os sítios nos quais se encontram vestígios positivos de ocupação pelos paleoameríndios, tais como grutas, lapas e abrigos sob rocha; – os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento, ‘estações’ e ‘cerâmios’, nos quais se encontrem vestígios humanos de interesse arqueológico ou paleoetnográfico; – as inscrições rupestres ou locais como sulcos de polimentos de utensílios e outros vestígios de atividade de paleoameríndios.”

E, segundo os mesmo autores, os sítios arqueológicos históricos são marcados pela presença de vestígios materiais oriundos do processo de ocupação do território pós-contato, tais como:

– todas as estruturas, ruínas e edificações construídas com o objetivo de defesa ou ocupação (buracos, baterias militares, fortalezas e fortins);
 – vestígios das infra-estruturas (vias, ruas, caminhos, calçadas, ruelas, praças, sistemas de esgotamento de águas e esgotos, galerias, poços, aquedutos, fundações remanescentes das mais diversas edificações, dentre outras que fizeram parte do processo de ocupação iniciados nos núcleos urbanos e em outros lugares);
 – lugares e locais onde possam ser identificadas remanescentes de batalhas históricas e quaisquer outras dimensões que envolvam combates;
 – antigos cemitérios, quintais, jardins, pátios e heras;
 – estruturas remanescentes de antigas fazendas, quilombos, senzalas e engenhos de cana e farinha;
 – estruturas remanescentes de processos industriais e manufatureiros;
 – vestígios, estruturas e outros bens materiais que possam contribuir na compreensão da memória nacional pós-contato.”

Note-se que no Brasil, os períodos da arqueologia pré-histórica e histórica não são os mesmos adotados a partir do modelo europeu porque “separar a História da Pré-História pelo critério do ‘uso da escrita’ é inconsistente no caso da América” (Funari e Noelli, 2002). Assim, pode-se dizer que a arqueologia pré-histórica é composta por aqueles objetos com data anterior ao século

XV, enquanto a arqueologia histórica constitui-se daqueles objetos remanescentes datados a partir do século XV, também denominada de arqueologia de pós-contato¹.

Os vestígios arqueológicos localizados em sítios pré-históricos são compostos pelas pinturas rupestres, artefatos confeccionados em pedra ou cerâmica, sambaquis², urnas funerárias, entre outros. E os vestígios arqueológicos de sítios históricos apresentam-se como estruturas remanescentes de igrejas, fazendas, engenhos de cana-de-açúcar ou, utensílios de louças, garrafas, moedas, entre outros.

Os locais onde são encontrados estes vestígios, ou seja, os sítios arqueológicos, podem ser terrestres ou aquáticos, sendo que estes sítios submersos são “os mesmos que encontramos em superfície, com as mesmas características, só que – agora – localizados embaixo da água” (Rambelli, 1998). Apresentam-se submersos em função do processo natural do avanço ou retrocesso das águas oceânicas ou pela intervenção humana através da construção de barragens, represas, entre outros.

3. Formatação e relevância do Turismo Arqueológico

A formatação do Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo acontece a partir da associação entre o Turismo e a Arqueologia³. Esta atividade turística trata-se de um “desdobramento do Turismo Cultural” (Beni, 2001), ou seja, refere-se a “todo turismo em que o principal atrativo não seja a natureza, mas algum aspecto da cultura humana, sendo este a história, o cotidiano, o artesanato” (Barretto, 2000).

O Turismo Cultural apresenta-se consolidado em diversos países da Europa e, em significativo desenvolvimento nos países considerados subdesenvolvidos, tais como, o Brasil, Argentina, Peru, China, entre outros. A expansão desta atividade favoreceu sua divisão em segmentos que buscam

¹ Para mais definições consultar: Funari e Noelli (2002), Orser (1992).

² Sambaquis são definidos por Prous (1992) como “amontoados de valvas de moluscos comidos pelos indígenas pré-históricos do litoral, que os usavam também como depósitos de lixo e cemitério”.

³ Arqueologia estuda os sistemas sócio-culturais, sua estrutura, funcionamento e transformações no decorrer do tempo, a partir da totalidade material transformada e consumida pela sociedade (Funari, 1988).

aprofundar o conhecimento sobre a oferta dos recursos culturais, enfatizados neste artigo através dos vestígios arqueológicos remanescentes em sítios arqueológicos pré-históricos e históricos.

Para tanto, define-se que o Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo:

“consiste no processo decorrente do deslocamento e da permanência de visitantes a locais denominados sítios arqueológicos, onde são encontrados os vestígios remanescentes de antigas sociedades, sejam elas pré-históricas e/ou históricas, passíveis de visitação terrestre ou subaquática” (Manzato, 2005).

Essas duas expressões, Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo, podem soar estranhas para a maioria da população brasileira, em se tratando da existência de sítios arqueológicos nacionais disponíveis para visitação turística, porque para elas o Turismo associado à Arqueologia “se significa alguma coisa, é uma prática aventureira que deve ser levada a cabo no Egito ou em qualquer outro lugar, mas não no Brasil, já que nos faltam pirâmides e outras ruínas interessantes” (Funari, 1994).

No entanto, essa maneira errônea de se pensar o Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo é fruto de questões culturais mal interpretadas ou apegos a mitos⁴ que mascaram a existência, beleza e grandeza deste segmento que atualmente é o que “mais rápido cresce na indústria de viagem” (O’Neill, 2004).

A relevância do uso do atrativo arqueoturístico terrestre ou aquático tem crescido e se desenvolvido em função dos inúmeros benefícios⁵ que gera, tais como: “enriquece a visão de mundo; permite resgatar e potencializar as capacidades adaptativas de cada sociedade”, além de “melhorar a qualidade de vida; facilita a identidade das pessoas com seu passado e com um projeto futuro compartilhado, além de possuir valor econômico” (González e González, 2000).

A viabilidade desse uso verifica-se, também, através da grande parcela de visitantes que frequentam esse tipo de atrativo, como se observa, nas ruínas de Xunantunich, em Belize, onde “durante o ano de 1999, 27.614 turistas visitaram Xunantunich dado que Xunantunich é antes de tudo uma excursão de um dia” (Medina, 2003). Ou ainda, nas ruínas de Machu Picchu, no Peru, onde em 1993 o número anual de visitantes foi de 270.000, em 1994 esse número aumentou para 400.000 e em 1996 foram 600.000 visitantes (Casado, 1998).

Nos sítios arqueoturísticos subaquáticos acontece o mesmo, como exemplo no Parque Nacional Fathom Five, no Canadá, onde cerca de 10.000 mergulhadores anualmente visitam os naufrágios “que oferecem a estes mergulhadores um olhar sobre o passado baseado em estudos ao mesmo tempo que fazem turismo” (Carter, 1989). No local também é possível observar projetos de proteção e conservação do patrimônio arqueológico, amparados pelo governo e por um grupo de voluntários do Save Ontario Shipwrecks (SOS), criado em 1981.

Outro benefício gerado pelo Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo está nas “vantagens dos sítios arqueológicos para explicar as etapas mais remotas de nossa história, já que nos museus a mensagem educativa dos objetos se vê limitado pela dificuldade para colocá-los em um contexto cultural e físico”, enquanto, “no sítio contamos com uma realidade objetiva apoiada em seu contexto original, frente ao museu onde a realidade vem imposta por um espaço artificial” (Moreno *et al.*, 2004).

⁴ Para maiores esclarecimentos consultar: Manzato, F., Rejowski, M., (Des)Motivações do Turismo Arqueológico no Brasil, 2004, *Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul*, Vol.2, n.º 1, Educ, Caxias do Sul.

⁵ Sobre aspectos positivos e negativos gerados pela atividade turística em sítios arqueológicos consultar: Manzato, F., 2006, *Sítios arqueológicos e turismo: diagnóstico e análise do produto arqueoturístico estrangeiro e nacional*, [http://www.historiaehistoria.com.br], (Site acessado em 5 Abril 2006).

4. Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo no Estado de São Paulo

4.1. Metodologia

A pesquisa exploratório-descritiva, para realizar o diagnóstico e verificar o estado do desenvolvimento do Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo no Estado de São Paulo, desenvolveu-se a partir das seguintes etapas: levantamento e análise bibliográfica sobre o Turismo Arqueológico no Brasil e no exterior, elaboração de formulários para visitas "in loco", tabulação e interpretação dos dados coletados.

Os sítios foram avaliados de forma individual e em conjunto a partir de seu acesso externo e interno, dos equipamentos e serviços oferecidos. Estas informações foram pontuadas de acordo com o Formulário de Diagnóstico (Anexo 1) e, em seguida, somadas, obtendo-se o resultado que forneceu um dos seguintes diagnósticos: Muito Adequado, Adequado, Pouco Adequado ou Inadequado para a realização do Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo.

Para se chegar a estes diagnósticos desenvolveu-se a seguinte escala avaliativa:

- Muito Adequado: ≥ 16 pontos
- Adequado: 11 a 15 pontos
- Pouco Adequado: 6 a 10 pontos
- Inadequado: ≤ 5 pontos

A partir dos diagnósticos, verificou-se ainda o estado de desenvolvimento do produto arqueoturístico no Estado de São Paulo. Para se obter esta informação foi elaborada uma segunda escala avaliativa, sendo esta baseada na porcentagem de sítios diagnosticados como Muito Adequado, estabelecendo-se a seguinte equação:

$$E = \frac{S.M.A.}{T} \times 100$$

S.M.A. – Número de Sítios Diagnosticados como Muito Adequado
T – Total de Sítios Arqueoturísticos identificados no Estado
E – Porcentagem de Sítios Arqueoturísticos por Estado

Para:

- *Estado Avançado de Exploração Turística*: se E = 80% a 100% dos Sítios Arqueoturísticos forem diagnosticados como Muito Adequado;
- *Estado Intermediário de Exploração Turística*: se E = 50% a 79% dos Sítios Arqueoturísticos forem diagnosticados como Muito Adequado;
- *Estado Inicial de Exploração Turística*: se E = 20% a 49% dos Sítios Arqueoturísticos forem diagnosticados como Muito Adequado;
- *Estado Inexistente de Exploração Turística*: se E = 19% a 1% dos Sítios Arqueoturísticos forem diagnosticados como Muito Adequado.

4.2. Descrição de um sítio Muito Adequado para a realização do Turismo

A Real Fábrica de Ferro de Ipanema é considerada a primeira siderúrgica do país e foi inaugurada em 1818. Localiza-se na Floresta Nacional de Ipanema, no município de Iperó, a 128 km da capital de São Paulo. O sítio arqueoturístico dista 8 km do centro do município de Iperó.

A fábrica possuía 8 fornos, com 1,5 m de altura, que produziram o ferro utilizado na confecção de arados, pregos, enxadas, foices, inclusive, armas brancas (espadas, sabres e baionetas) utilizadas pelo Exército Brasileiro na Guerra do Paraguai em 1865.

Para a produção destes utensílios estiveram envolvidos mais de 88 escravos, além de mineradores trazidos da Suíça, já que a mão-de-obra existente não era especializada. A decadência da fábrica ocorreu em 1895 devido a forte concorrência exercida por indústrias internacionais.

A Real Fábrica de Ipanema chama a atenção pela monumentalidade de seus vestígios remanescentes, limpeza e conservação do local e áreas de entorno (Figura 1). É um local para ser visitado em um dia inteiro ou mais, com a possibilidade de se alugarem casas ou permanecer em alojamento, ambos dentro do parque onde o sítio também se insere.



Figura 1 | Casa das Armas, edificada no século XIX.
Foto: Fabiana Manzato.

Este sítio recebe anualmente em média 20.000 visitantes, está em local cercado de área verde e nas margens do rio Ipanema onde a pesca é permitida. O Centro de Visitantes é bem estruturado, no parque existem churrasqueiras, um restaurante, bebedouros, sanitários, estacionamentos, sala de exposição com fotos e histórico dos atrativos arqueoturísticos (Figura 2), um museu com vestígios arqueológicos remanescentes desta antiga fábrica e monitoria local (paga separadamente).

Existem várias placas indicativas até se chegar ao sítio, mas infelizmente, o acesso a este acontece por meio de transporte particular ou contratação de táxi, porque não há ônibus que circule até o local. Para entrar no sítio deve-se pagar uma taxa de R\$ 3,00 por pessoa.



Figura 2 | Exposição fotográfica e histórica do sítio.
Foto: Fabiana Manzato.



Figura 3 | Altos fornos da fábrica em processo de restauro.
Foto: Fabiana Manzato.

Desde o dia 16 de Março de 2005, a Real Fábrica de Ipanema está sendo restaurada (Figura 3), com o apoio da Associação Brasileira de Metalurgia e Materiais (ABMM), patrocínio da Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa) e Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais (Usiminas). O projeto de restauro prevê três fases até Dezembro de 2010, quando a fábrica comemora o bicentenário de sua criação.

O resultado do diagnóstico deste sítio pode ser averiguado através do Formulário de Diagnóstico (Anexo 1).

4.3. Diagnóstico geral e estado de desenvolvimento do Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) existem no Brasil cerca de 13 mil Sítios Arqueológicos, dos quais mais de 600 deles estão no Estado de São Paulo.

Assim, a partir de consultas feitas no IPHAN e dos dados fornecidos por arqueólogos verificou-se que o Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo no Estado de São Paulo realiza-se em apenas 20 dos mais de 600 sítios existentes; destes 20 sítios arqueoturísticos, 4 são pré-históricos e 16 são históricos.

Quanto à localização do Atrativo Arqueoturístico a maioria encontra-se no litoral do Estado (15), dos quais 10 estão no Litoral Norte do Estado e 5

no Litoral Sul. Na capital paulista foi encontrado 1 sítio arqueoturístico e os 4 sítios restantes estão no interior do Estado. Constatou-se também que os sítios arqueoturísticos históricos estão mais próximos da capital, em média a 161 km, enquanto os sítios arqueoturísticos pré-históricos estão mais distantes da capital, a 214 km.

Não foram identificados sítios arqueoturísticos pré-históricos onde o principal atrativo fosse as pinturas rupestres; dos 4 sítios existentes, 3 são formados por sambaquis e 1 abrigo sobre rocha. Também não foram identificados no Estado, sítios onde ocorre Turismo Arqueológico Subaquático.

Dentre os sítios arqueoturísticos históricos as principais estruturas remanescentes encontradas são de: engenhos de cana-de-açúcar (5), fábricas (5), igrejas (2), forte (1), residência (1), colégio (1) e presídio (1).

Por meio da primeira escala avaliativa verificou-se que os sítios arqueoturísticos receberam os seguintes diagnósticos: Muito Adequado (7), Adequado (2), Pouco Adequado (2) e Não Adequado (8). Entre os sítios arqueoturísticos pré-históricos, nenhum foi diagnosticado como Muito Adequado ou Adequado.

Em seguida, com o auxílio da equação, estabeleceu-se o estado de desenvolvimento do Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo no Estado de São Paulo, onde dos 20 Sítios Arqueoturísticos existentes, 8 foram diagnosticados como Muito Adequados para a realização da atividade turística, revelando que o Estado de São Paulo apresenta-se em Estado Inicial de Desenvolvimento do Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo, de acordo com a aplicação da fórmula proposta na metodologia.

Ou seja,

$$SMA = 5 \text{ e } T = 20$$

Portanto:

$E = (5 \times 100) / 20 \Rightarrow E = 25\%$, indicando então que o Estado de São Paulo encontra-se no Estado Inicial de Exploração Turística.

5. Propostas para o Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo

Após o diagnóstico dos sítios arqueoturísticos e a observação do estado de desenvolvimento dos sítios no Estado de São Paulo, sugerem-se algumas propostas capazes de impulsionar o desenvolvimento do Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo:

- Elaboração de roteiro:
 - Por municípios;
 - Temáticos, por exemplo, um roteiro composto apenas por Sítios Arqueoturísticos onde o principal vestígio se constitui por engenhos;
 - Cronológico que mesclm Sítios Pré-Históricos e Históricos.
- Sistematização das informações
 - A criação de uma base de dados de Sítios Arqueoturísticos, visto que as limitações e dificuldades para se ter acesso a informações básicas como a localização dos sítios é atualmente uma grande barreira a ser transposta;
 - A criação de um guia turístico.
- Estudos
 - A identificação e consolidação de um grupo de estudos composto por profissionais do Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo e demais interessados para discutir, trocar informações e experiências;
 - A inclusão do tema Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo em eventos científicos da área de Turismo e Arqueologia.
- Planejamento
 - Desenvolvimento de planos de interpretação do patrimônio arqueológico e ambiental com vista à utilização turística do sítio;
 - A extensão desta pesquisa de diagnóstico e nível de exploração turística a Sítios Arqueológicos de outros Estados do Brasil;
 - A partir dos resultados gerados em âmbito nacional, propor comparações, soluções e

adequações dos sítios nacionais aos sítios do exterior;

- Estudos sobre o perfil do visitante que procura um Sítio Arqueoturístico;
- A criação de *souvenir* Arqueoturístico, entre eles, réplicas das ruínas, camisetas e bonés estampados com motivos arqueológicos.

Portanto, as propostas aqui apresentadas buscam possibilitar o crescimento e desenvolvimento do Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo, não apenas no Estado de São Paulo, mas em âmbito regional e nacional, assim como para os sítios que estão submersos.

6. Considerações finais

O Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo é um dos segmentos turísticos que mais tem crescido nos últimos anos. Essa afirmação pode ser confirmada pelos benefícios que esta atividade turística traz para a sociedade local e externa, dentre os quais pode-se citar o uso dos Sítios Arqueoturísticos para instrução pública, divulgação do patrimônio arqueológico, renda para a população local, entre outros.

Atualmente, o Turismo Arqueológico não se apresenta consolidado como produto turístico, resultado este verificado através do número de sítios arqueológicos pré-históricos e históricos existentes no Estado de São Paulo (superior a 600) e aqueles onde realmente acontece a atividade turística (20).

Essa falta de "tradição" na exploração do Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo pode ser observada por meio da escassa literatura nacional e da ausência de parâmetros capazes de definir um diagnóstico e estabelecer o estado de desenvolvimento desta atividade turística, portanto, os modelos criados são passíveis de discussões e modificações.

Em relação aos sítios avaliados é importante destacar que aqueles que foram diagnosticados

como Muito Adequado (7) podem servir de exemplo para a criação de novos Sítios Arqueoturísticos e para a adaptação daqueles já existentes que foram diagnosticados como Pouco Adequado (3) ou Inadequado (8) para o desenvolvimento da atividade turística, visto que tais adequações podem ser facilmente realizadas. Ou seja, a maioria dos sítios diagnosticados como Pouco Adequado ou Inadequado apresentam problemas quanto à existência de placas informativas, sendo estas essenciais para o conhecimento dos detalhes e peculiaridades do atrativo arqueológico. Outro exemplo de adequação a ser providenciada, refere-se ao serviço de guia de turismo local, porque a falta deste profissional cria, por vezes, obstáculos na interpretação dos vestígios arqueológicos, tanto na língua nativa, quanto na inclusão de um segundo idioma para atender a demanda de turistas estrangeiros.

Bibliografia

- Acerenza, M., 2000, *Administración del turismo: conceptualización y organización*, Editora Trilhas, México.
- Barretto, M., 2000, *Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento*, Papirus, Campinas.
- Bastos, R.L., Teixeira A., 2005, Normas e gerenciamento do patrimônio arqueológico, Instituto do patrimônio histórico e artístico nacional (IPHAN), São Paulo.
- Beni, M.C., 2001, *Análise Estrutural do Turismo*, Editora SENAC, São Paulo.
- Carter, K., 1989, *Preserving our marine heritage*, [http://www.saveontarioshipwrecks.on.ca], (Site acessado em 4 Fevereiro 2005).
- Casado, M.A., 1998, Peru's tourism industry: growth, setbacks, thretas, *Cornell Hotel and Restaurant Administration Quarterly*, Ithaca, [http://www.proquest.univap.br], (Site acessado em 2 Fevereiro 2004).
- Funari, P.P., 1988, *Arqueologia*, Editora Ática, São Paulo.
- Funari, P.P., 1994, Arqueologia Brasileira: visão geral e reavaliação, *Revista da História da Arte e Arqueologia*, Vol.1, Editora Unicamp, Campinas, pp. 281-290.
- Funari, P.P., Noelli, F.S., 2002, *Pré-História do Brasil*, Editora Contexto, São Paulo.
- González, B., González, H., 2000, El patrimonio cultural como bien de consumo: el caso Petorca, *Conserva*, N.º 4, [http://www.dibam.cl], (Site acessado em 21 Junho 2004).
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), [http://www.iphan.org.br], (Site acessado em 16 Janeiro 2005).

- Krippendorf, J., 2001, *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*, Editora Aleph, São Paulo.
- Manzato, F., 2005, *Turismo Arqueológico: diagnóstico em sítios pré-históricos e históricos no Estado de São Paulo*, Dissertação de Mestrado, Universidade Caxias do Sul, Caxias do Sul.
- Manzato, F., 2006, *Sítios arqueológicos e turismo: diagnóstico e análise do produto arqueoturístico estrangeiro e nacional*, [<http://www.historiaehistoria.com.br>], (Site acessado em 5 Abril 2006).
- Manzato, F., Rejowski, M., 2004, (Des)Motivações do Turismo Arqueológico no Brasil, *Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul*, Vol.2, n.º 1, Educ, Caxias do Sul.
- Medina, L.K., 2003, La comercialización cultural: El turismo y la identidad Maya, *Annals of Tourism Research en Español*, Vol. 5(1), pp. 86-103.
- Molina, S., Rodriguez, S., 1999, *Planificación integral del turismo: un enfoque para Latinoamérica*, Editora Trillas, México.
- Moreno, J.J. et al., 2004, *Arqueología y turismo en Castilla y León, una relación con futuro*, [<http://www.man.es>], (Site acessado em 14 Janeiro 2004).
- Nogueira, S., 2003, *Cultura material – a emoção e o prazer de criar, sentir e entender os objectos*, [<http://www.naya.org.ar>], (Site acessado em 19 Dezembro 2003).
- O'Neill, M., 2004, Archaeology and the grand tour: photography and Victorian Tourism, *Worcester Society of Archaeological Institute of America*, [<http://www.webpages.charter.net>], (Site acessado em 3 Junho 2004).
- Orser, C.E., 1992, *Introdução a Arqueologia Histórica*, Editora Oficina de Livros, Belo Horizonte.
- Prous, A., 1992, *Arqueologia Brasileira*, Editora UNB, Brasília.
- Rambelli, G.A., 1998, *Arqueologia subaquática e sua aplicação a arqueologia brasileira: o exemplo do baixo vale do Ribeira de Iguape*, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Anexo 1 | Formulário de diagnóstico

Município Iperó	Nome do sítio Real Fábrica de Ferro Ipanema	Periodização Histórico
Data da visita 16/01/2005	Função Fábrica	Tombamento Não

Acesso externo ao sítio arqueoturístico

Distância de São Paulo (Km) 125	Ponto de referência Floresta Nacional Ipanema (FLONA).
Distância do centro do município ao sítio arqueoturístico (Km) 30	Prospecção ou escavação Não estão sendo realizados trabalhos arqueológicos.
Via(s) de acesso Rodoviário.	

Acesso interno ao sítio arqueoturístico

Acesso interno Área rural de fácil locomoção.
Sinalização externa Existência de placas até à chegada do sítio.
Sinalização interna Existência de placas informativas em todos os atrativos. Placas em português.

Normas para o funcionamento do local onde se encontra o atrativo arqueoturístico

Horário de visitação Terça a domingo das 9hs às 17 hs	Guia de turismo local Sim – pagamento por pessoa	Taxa de visitação R\$ 3,00
Registro de visitantes Há livro de visitas	Tempo de visitação (minutos) 300	

Diagnóstico (assinalar com X)

	Muito adequado (3 pontos)	Adequado (2 pontos)	Pouco adequado (1 ponto)	Inexistente (0 ponto)
Sanitários	X			
Área de alimentação	X			
Loja de <i>souvenir</i>		X		
Museu anexo	X			
Estacionamento	X			
Ponto de onibus próximo			X	
Vigilância		X		
Material informativo (<i>folder</i>)		X		
Bebedor	X			
Iluminação	X			
Placas indicativas	X			
Placa de identificação	X			
Placas informativas	X			
Guia de turismo local		X		
Padronização das placas	X			
Acesso interno	X			
Acesso para pessoas com necessidades especiais		X		
Total de pontos			44	